

Percursos teórico-críticos e diferentes modos de leitura das literaturas africanas de língua portuguesa

Ana Mafalda Leite*

Terezinha Taborda Moreira**

Este número da *Revista Scripta* reúne reflexões e leituras de pesquisadores que revisitam e acrescentam contribuições ao pensamento teórico e crítico acerca das literaturas dos países africanos de língua portuguesa produzido nos últimos anos, ampliando seus modos de leitura.

O pensamento teórico e crítico sobre essas literaturas tem sido abordado a partir de linhas reflexivas que, entrelaçando sistemas de valores e saberes por vezes distintos, fundamentam-se em frentes de pensamento que tanto podem se amparar nos estudos culturais, buscar apoio nos estudos pós-coloniais, dialogar com os estudos decoloniais, ou ainda, enveredar-se pelo comparatismo literário, seja por meio dos estudos de literaturas africanas comparadas, de investigações sobre as relações entre literatura, artes visuais e música, ou da incorporação de outros conceitos, como o de gênero em suas várias perspectivas, o de cânone, o de literatura mundo/mundial. Outras abordagens se orientam pelo estudo da instituição literária desses sistemas, ao estudar modos de edição, circulação do livro e práticas de tradução, fazendo uma abertura para redes transnacionais e translíngüísticas que permitem, também, uma abertura às humanidades ambientais e aos estudos de ecocrítica.

Diante desse panorama diversificado de abordagens, a organização desse número da *Scripta* foi concebida atenta

* Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa, UL, Portugal. Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL-UL). Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5191230413521564>.

** Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – e Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7664-0405>.

a algumas questões: que abordagens teórico-críticas têm sido buscadas para pensar a complexidade das produções artísticas e literárias dos países africanos de língua portuguesa na atualidade? Como essas abordagens têm respondido a essa complexidade? Como elas lidam com textos oriundos de sistemas artísticos e literários diferentes, transcendendo as fronteiras existentes entre eles? Que percepções têm sido arroladas para sustentar e justificar as diferenças e os diálogos entre os sistemas literários e artísticos dos países africanos num enquadramento simultaneamente local e global? Como ler criticamente, hoje, as literaturas dos países africanos?

O conjunto de artigos que trazemos a público ilustra como os pesquisadores da área têm procurado responder a essas questões por meio de perspectivas que, dada a diversidade de abordagens críticas, agrupamos em seis seções.

Na primeira seção, *Literaturas do Índico*, o Oceano Índico emerge como espaço redefinidor do pensamento sobre a produção literária dos países africanos de língua portuguesa em suas multiformas. Fernanda Bianca Gonçalves Gallo, no texto “Um ‘bordado oculto’: O Islã na periodização literária africana”, recupera as interações políticas, econômicas e culturais que marcam a relação do continente africano com o Oceano Índico desde o século VII para revisitar, criticamente, a periodização literária das literaturas dos países africanos de língua portuguesa, a fim de ampliá-la a partir das contribuições que os processos de islamização trouxeram para as diferentes formas de literacia no continente. Elena Brugioni, no texto “Paisagens crítico-marítimas desiguais. (Re)Orientando os estudos literários do Oceano Índico para o debate sobre literatura-mundial”, lembra que o Oceano Índico tem sido definido e abordado como um paradigma crítico e literário transnacional para os estudos das literaturas dos países africanos. Analisando o estado da arte desse debate, a autora apresenta respostas possíveis para algumas questões que se apresentam para essas literaturas: até

que ponto o mundo literário do Índico é capaz de responder aos problemas e pontos cegos que caracterizam o campo dos estudos literários, hoje? Como observar (ou não) a estética e as formas literárias do Oceano Índico como registro paradigmático do sistema literário mundial? E Tarik Mateus de Almeida, no texto “*Museu da Revolução*, de João Paulo Borges Coelho: outras cartografias críticas e culturais”, mapeia as recentes reflexões teóricas em torno da Literatura Comparada, mas também realiza uma travessia por itinerários críticos e conceituais oriundos do campo da Literatura-Mundial, dos Estudos do Oceano Índico, das Humanidades e da Ecocrítica, para compreender a complexidade da estrutura composicional do romance do escritor moçambicano.

Na segunda seção, *Tradição e modernidade na literatura: mediações*, são analisadas produções poéticas e ficcionais de autores e autoras dos países africanos, especialmente Moçambique, nas quais se busca flagrar os modos como a imersão da escrita nos contextos histórico, político e social de países marcados pela colonização faz emergirem textos que esgarçam os enquadramentos conceituais, ideológicos e estéticos que orientam a criação literária. Teresa Manjate, no texto “Religiosidade na literatura moçambicana”, analisa obras de José Craveirinha, Paulina Chiziane (2000) e Agnaldo Bata (2023) à luz da temática e das teorias da religião, da religiosidade e do animismo. Tomando como base teorias modernas de africanistas como John Mbiti e Paulin Houtondji, dentre outros, a autora problematiza o termo animismo e procura mostrar o fato de que a religiosidade, definida de forma plural e por vezes contraditória, reflete-se de maneira dinâmica nas literaturas dos países africanos, particularmente na literatura moçambicana. Carlos Kubernat, Newton de Castro Pontes e Edson Soares Martins desenvolvem uma escrita coletiva do texto “A poesia que media e resiste: uma análise de *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa” investigando e evidenciando como a escrita da poeta representa, esteticamente,

uma voz coletiva e uma individualidade que toca uma percepção universal em Moçambique, ao mesmo tempo em que promove uma articulação entre o lírico e a sociedade através da linguagem. Luciana Brandão Leal, no texto “Revista Msaho (1952), dança, canto e poesia: registros de/sobre uma nova escritura para a lírica moçambicana”, explora a maneira como o poeta Virgílio de Lemos propõe, por meio da Revista *Msaho*, mas, também, de seus heteronômios, um “ritmo novo” para a lírica moçambicana, reivindicando os valores culturais africanos, em consonância com os movimentos da negritude e do pan-africanismo. E Rayniere Souza, no texto “Configurações da modernidade em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto”, explora a maneira como o romance encena a trajetória de personagens marcados pelas questões do período de guerras pela Independência e Civil experienciados em Moçambique. Segundo o autor, a modernidade é assumida, no romance, tanto como tema quanto como traço estrutural, o que se evidencia nas narrativas atravessadas dos narradores; nas guerras de libertação; no padecimento dos moçambicanos; na imbricação de diferentes formas de constituição discursiva, como a introdução dos cadernos do personagem Kindzu na escrita do narrador; e na resistência à colonialidade.

Na terceira seção, *Literatura e outras artes*, exploram-se os diálogos intertextuais e interdiscursivos que as expressões estéticas realizam de maneira a expandir as possibilidades da materialização da arte, seja pela língua escrita, pela imagem, pela palavra cantada ou pelo corpo em movimento. Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco, no texto “A cinematografia híbrida de *Kmêdeus*: diálogos interartísticos entre dança, pintura, música, coreografia, literatura e cinema”, analisa o filme do cineasta cabo-verdiano Nuno Miranda a partir de reflexões acerca do sincretismo cultural característico de Cabo Verde e, também, da correspondência das artes recorrentes na narrativa fílmica. Explora como a intertextualidade entre dança, música, coreografia, pintura, literatura e cinema resulta em um texto

que discute, crítica e artisticamente, a história cabo-verdiana, ao mesmo tempo que aponta para a resistência cultural dessas ilhas atlânticas. E Sílvio Rodrigo de Moura Rocha, no texto “Morna e coladeira: elos poéticos e musicais”, analisa, comparativamente, a canção cabo-verdiana “Nha cancera ka tem medida”, de Pedro Rodrigues, interpretada, em momentos distintos, por Cesária Évora e pelo trio Coladera, formado por músicos do Brasil, de Portugal e de Cabo Verde, e poemas cabo-verdianos de diferentes gerações que compõem o cânone daquele país. Em suas reflexões, o autor investiga a interface entre a morna, a coladeira e a poesia de Cabo Verde, especialmente pela predominância de um pensamento sobre a terra e a cultura nacional que gesta o caminho estético que os textos artísticos percorrem em Cabo Verde.

Na quarta seção, *Estudos de gênero em suas várias perspectivas*, a organização de papéis sociais e diferenças sexuais nos espaços africanos é visitada, considerando a sua construção social e cultural, mas também os impactos que os enquadramentos do feminino e do masculino impõem à construção das subjetividades. Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, no texto “Da Cosmopercepção ao Mulherismo”, analisa poemas da coletânea *Cães à estrada e poetas à morgue* (2022), da escritora moçambicana Deusa d’África, com base nos posicionamentos críticos de Paulina Chiziane sobre escrita moçambicana de autoria feminina, de Clenora Hudson-Weems sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi sobre cosmopercepção. O autor procura mostrar que a poesia da escritora moçambicana Deusa D’África se articula como um exercício continuum do projeto de moçambicanidade a partir de um discurso que se organiza no feminino, no sentido de territorializar uma produção literária que ecoa ao ritmo do xitende e dissemina um mulherismo afro-moçambicano cuja agenda de discussão se volta para a condição da mulher. Vanessa Rimbau Pinheiro, no texto “A construção coletiva

das masculinidades no conto ‘Nós matámos o cão tihoso’, de Luís Bernardo Honwana”, analisa as representações performáticas coletivas das masculinidades no conto do autor moçambicano, a partir da ideia de que existe, no imaginário social, uma construção que define as formas de masculinidades hegemônicas que serão performadas, individualmente ou em grupo, geralmente baseadas na naturalização da violência e da agressividade como legitimação social e diferenciação do modelo feminino de comportamento. Em sua análise, a autora demonstra as diferentes formas de opressão presentes na performance heteronormativa padrão de masculinidade encenadas no conto de Honwana, bem como seus impactos sobre as ações das personagens.

Na quinta seção, *Estudos pós-coloniais*, encontram-se investigações que focalizam os cenários pós-independência e os impactos do colonialismo e do imperialismo sobre os espaços africanos, destacando-se neles a busca pela compreensão dos processos identitários em meio à distopia que marca os rearranjos sociais, políticos e econômicos das novas nações independentes. Adriana Cristina Aguiar Rodrigues, no texto “A Angola que o romance contemporâneo nos permite ouvir: silêncio e canção, corpos que flutuam, corpos que pesam em *Os transparentes*, de Ondjaki”, analisa o romance do escritor angolano com atenção ao cenário político da Angola pós- independente, pós-guerra civil e pós-socialista, destacando como a violência sistemática, o ataque à diversidade de vozes e ideologias e o esgarçamento do projeto político democrático utópico pré-independência impacta as personagens. Naduska Palmeira, no texto “A casa-mátria, as heranças, os heróis”, investiga a poesia da são-tomense Conceição Lima evidenciando a presença, na escrita da poeta, de um projeto poético de reconstrução individual, coletivo e nacional. A autora chama a atenção para a proposta estética de Conceição Lima, mostrando como a poeta santomense realiza uma trajetória inovadora para o contexto das artes literárias de

São Tomé e Príncipe ao projetar uma escrita que funciona, ao mesmo tempo, como uma moldura histórica que recupera a condição dos intelectuais das ex-colônias que foram forçados ao exílio, e como uma perspectiva ontológica sobre a condição do sujeito que se divide entre o ofício de permanecer e, ao mesmo tempo, a necessidade de partir de sua terra originária.

Na última seção, *Literaturas africanas comparadas*, encontram-se reflexões que estabelecem diálogos com problematizações teóricas importantes para a crítica literária dos países africanos de língua portuguesa contemporânea. Edmilson Rodrigues, no texto “Memória dos mortos: a arte comovida em excertos africanos”, faz um percurso por uma seleção de textos dos cinco países africanos de língua portuguesa explorando como eles envolvem memórias, histórias e atrocidades em configurações variadas sobre a morte, a fim de construir um mosaico de imagens evocadoras de escarificações coloniais. Mary Cristina Rodrigues Diniz, no texto “O entrelaçar entre Brasil e Cabo Verde: uma análise afropolitana de ‘Você, Brasil’, de Jorge Barbosa (1956)”, analisa o poema do escritor cabo-verdiano na perspectiva daquilo que chama de pensamento afropolitano para refletir sobre a questão da identidade em países focos de exploração do período colonial, como Brasil e Cabo Verde, bem como em países colonizadores, como Portugal. E Carlos Eduardo Pinto Vergueiro Filho, no texto “Noemia, Paulina e as poéticas nos tempos”, constrói uma relação entre as duas autoras moçambicanas focalizando questões como oralidades nos textos a partir das culturas endógenas; vozes poéticas; experiência e contaminações do real no texto ficcional. O objetivo da autora é dissertar sobre as permanências e mudanças na literatura moçambicana de autoria feminina em tempos históricos que vão do período colonial ao pós-independência.

Além dos artigos acima apontados, este número da Revista *Scripta* traz, ainda, duas contribuições importantes: a resenha “Traduzir e celebrar: O mar entre África e América Latina”, na

qual Rosane Maria Cardoso nos apresenta à coletânea de poemas *En las entrañas del mar*, publicação bilingue – português e espanhol – da poeta, contista, ensaísta, romancista, participante de antologias e ativista social Kanguimbu Ananaz – cujo nome de nascimento é María Manuela Cristina Ananaz – no ano de 2022, pela Editorial Puntángeles, no Chile; e a também resenha “(In) Confidência no fundo do canto: a poética de Odete Semedo”, na qual Ianes Augusto Cá nos apresenta à obra *(In) Confidências*, da poeta guineense Odete da Costa Semedo, publicada no ano de 2023, pela Editora Novembro, em Lisboa.

Fecha este número da revista a entrevista “Raízes e ressonâncias: a estética literária de Alice Goretti Pina na Literatura de São Tomé e Príncipe”, realizada por Roberta Maria Ferreira, na qual a pesquisadora explora a conexão entre a escrita literária Goretti de Pina e sua identidade cultural e social. Destaca-se, na condução da entrevista, a maneira como a escritora vê a escrita, o modo como equilibra tradições culturais com uma abordagem contemporânea, e ainda, sua tendência a pensar a literatura como espaço para a construção da identidade nacional.

A natureza temática dessa edição da Revista *Scripta* tem como mérito destacar algumas vertentes do pensamento teórico e crítico que vem sendo produzido sobre as literaturas dos países africanos de língua portuguesa, como também alguns modos de leitura que ilustram a diversidade de abordagens possíveis e, por isso mesmo, a contemporaneidade das produções estéticas desses países. Esperamos que os leitores desfrutem das reflexões trazidas aqui, na certeza de que elas têm muito a contribuir para a consolidação da área.